

VENEZUELA, NOVO MODELO DEMOCRÁTICO

Nove anos depois do frustrado golpe militar-midiático contra o governo constitucional de Hugo Chávez, o país constrói outro sistema público de comunicação.



A jornalista colombiana Maria Cristina Martinez, responsável pela área cultural do jornal *Ciudad Caracas*.

FOTOS: LEO DRUMOND

Por Luciana Lanza e Leo Drumond

Em abril de 2002, em meio à tentativa de golpe militar contra o presidente Hugo Chávez, na Venezuela, estimulado pelo poderoso aparato da mídia empresarial conservadora, um dos golpistas chegou a afirmar em um canal de TV: "Felizmente, temos uma grande arma que são os meios de comunicação. Se o povo se der conta, o exército e as forças de segurança não fizeram um só disparo. Nossas armas foram os meios de comunicação."

Afraseserviudealerta.Ficouevidentequeosmeios privados tiveram papel decisivo na frustrada manobra golpista. Depois disso, o governo Chávez deu início a uma experiência inédita na área da comunicação pública, estimulou as redes comunitárias e estatais, criou jornais e revistas, apoiou a formação de comunicadores - o que hoje faz da Venezuela um importante laboratório da comunicação democrática e popular para toda a América Latina.

MEIOS PÚBLICOS

Já em 2003, foi criada a *Vive TV*, um canal cultural e informativo, bem estruturado, e com a programação focada nos movimentos populares, sociais e de classe. E não só programas voltados para o povo, mas, também, programas feitos pelo povo. Como os demais veículos visitados, a *Vive* investe em capacitação técnica e formação política, pois a consciência da população é a mais alta prioridade da mídia revolucionária. Para a revolução bolivariana é tão necessário incluir as massas na realização dos programas, quanto for-

mar um público crítico.

A *Vive* emprega quase 800 pessoas; cerca de 500 só em Caracas. Poucas tinham experiência profissional e muitas vieram de movimentos sociais. A formação é feita em oficinas e cursos, onde se trabalha o conceito de produtor integral: todos têm de saber filmar, gravar áudio, editar, etc. É, também, uma nova forma de pensar a divisão do trabalho: profissionais cientes e conscientes das etapas do processo e capazes de produzir mais conteúdo e mais relevância com equipes reduzidas.

A *Vive* alcança 77% do território nacional e 95% da população, em sinal aberto, e já possui seis sucursais no interior do país. Segundo Gabriel Gil, diretor de programação, um dos desafios é a busca de uma linguagem que se contraponha à mídia hegemônica e seja, ao mesmo tempo, interessante e atraente. Com quase oito anos de existência, a *Vive* tem por meta ampliar o conteúdo regional. O objetivo, em dois anos, é ter sete sinais diferentes no país, recebendo o sinal máster de Caracas, porém com mais programas regionais exibidos localmente.

AMÉRICA LATINA

Em 2005, a Venezuela criou, no *front* internacional, sua mais poderosa arma de informação: a *Telesur*. É uma multiestatal capitaneada pelo estado venezuelano e que já conta com a participação da Argentina, Bolívia, Cuba, Equador e Nicarágua. Com o lema Nosso Norte é o Sul, é o principal veí-

culo difusor de uma das bases fundamentais da revolução: a integração da América do Sul e do Caribe.

Sua sede, impecável, impressiona. Tudo novo, bem iluminado, equipamentos de última geração. Ali trabalham cerca de 650 profissionais, de diversas nacionalidades, com a missão de conectar a América Latina com o mundo. Nisto, já lograram atuações de repercussão mundial, entre as mais destacadas, a libertação de reféns das FARC, o golpe de estado em Honduras e a tentativa de golpe no Equador.

Tivemos acesso aos seus planos de expansão para uma maior presença no Brasil. Aqui, quase ninguém sabe que a *Telesur* possui um noticiário em português, feito por brasileiros. Por enquanto, só traduzem e apresentam as notícias produzidas em espanhol. Mas o projeto vai além: ampliação da grade em português, produção própria de conteúdo e maior difusão pela *internet*. Porém, tal é a pressão contra a *Telesur* no Brasil que só a TV Educativa do Paraná transmitia o noticiário em português. Com a saída do governador Roberto Requião, nem ela mais. Alternativas para a sua presença aqui têm poucas possibilidades em Pernambuco e em Belo Horizonte. Executivos da *Record News* estiveram lá, mas nada se concretizou até o momento. Visitamos também a *Rádio Del Sur*, fundada em 2008 com proposta similar à *Telesur*. Seu sinal ainda está restrito à Venezuela, mas pode ser acessado pela *internet*.

Em 2006, vem à luz a *Avila TV*, talvez a mais van-

guardista iniciativa revolucionária em linguagem televisiva. Criada pelo ex-prefeito metropolitano de Caracas, Juan Barreto, foi concebida como TV Escola e é dirigida ao público jovem. Na sede do canal - repleta de uma garotada irreverente e bem humorada, vestindo jaquetas e bonés e fazendo a sua própria revolução no *front* televisivo - todos são responsáveis por tudo: técnica, reportagem, apresentação de programas, câmeras, áudio, redação e o escambau.

A transmissão é restrita a Caracas, o que lhes permite liberdade de experimentação, com forte apelo musical e gráfico, junto a um público essencialmente urbano e mais aberto às inovações. A maioria é formada na EMPA (Escuela de Medios y Producción Audiovisual), dentro da qual foi incubada a *Ávila TV*.

JORNAL GRATUITO

Na praça Bolívar, coração da capital, fica a sede do jornal impresso *Ciudad Caracas*. Criado em 2009 com tiragem de 70.000 exemplares e distribuição gratuita, aposta num belo projeto gráfico e na linguagem simples para falar com o seu público. Quem nos recebeu foi a jornalista Maria Cristina Martinez, uma entre os mais de quatro milhões de colombianos que vivem na Venezuela. Ela nos contou que não poderia exercer sua profissão com segurança em seu país de origem. Maria se formou na UBV (Universidade Bolivariana da Venezuela), criada por Hugo Chávez como alternativa à tradicional UCV (Universidade Central da Venezuela), e reflete a postura do jornalismo revolucionário: "Os meios de comunicação têm uma dívida histórica com a sociedade".

Ciudad Caracas busca uma nova forma de tratar e mostrar o povo que vive nos *barrios*, o correspondente venezuelano das nossas favelas. Como as nossas grandes cidades, Caracas é tomada pelos *barrios*, e, tal como aqui, rola um forte preconceito das classes médias e altas (fomentado pelas mídias privadas) em relação a seus habitantes, sempre associados à marginalidade. Assim como o *Ciudad Caracas*, os novos meios de comunicação criados pela revolução preocupam-se em lançar luzes a essas pessoas que são a grande maioria da população venezuelana.

Além dos veículos visitados pela reportagem, se somam outros que o tempo curto não nos permitiu conhecer *in loco*. São exemplos o canal *Alba TV*, criado em 2007 para ser um canal comunitário internacional, de debate político, articulação e integração entre os movimentos sociais da América Latina, e o jornal impresso *Correio Del Orinoco*, recém inaugurado em 2009, como refundação atualizada do histórico jornal de mesmo nome que foi editado por Simon Bolívar no século 19. Possui, como o de Bolívar, versão em inglês, embora circule apenas na Venezuela.

Afora os novos veículos, a estrutura de comunicação pública herdada pela revolução foi reestruturada e ampliada. A estatal *VTV* é hoje a emissora mais bem equipada do país, tem programas de grande audiência e é a responsável pela programação oficial da revolução. O canal foi fechado à força

pelos golpistas de 2002, os mesmos que hoje reclamam da falta de "liberdade de expressão" no país.

COMUNICAÇÃO POPULAR

Em julho de 2000, o presidente Chávez participava da inauguração de um ambulatório quando uma jovem, segurando um microfone rústico, pede a sua opinião sobre os meios de comunicação comunitários.

"Bom, é maravilhoso! Vocês estão adiantados; são avanguarda da comunicação." Na sequência, Chávez ordena a um vice-ministro providenciar toda a ajuda necessária àquele pessoal. Poucos meses depois, Chávez, em pessoa, participaria da inauguração de uma renovada *Catia Tve*. E colheu os frutos: no fracassado golpe de 2002, foram os meios comunitários, liderados por *Catia Tve*, que informavam a resistência popular, rompendo o *blackout* comunicacional dos meios privados para ocultar e facilitar o golpe.

"Não veja televisão; faça!", é o seu lema. Criada clandestinamente em 1989 e legalizada em 2001, começou como Centro Cultural, com trabalhos de teatro e música e o hoje histórico *Cineclub El Manicômio*, exibindo bons filmes nacionais nas paredes e muros do bairro. A necessidade de dar voz ao povo transformou a ação inicial na proposta revolucionária de filmar a própria comunidade, as festas da escola, o movimento dos bares, os jogos de beisebol, os problemas de moradia, saúde, etc, e depois editar e exibir o conteúdo. O apoio do governo tornou *Catia Tve* uma das iniciativas comunicacionais mais importantes da história da Venezuela.

Catia Tve - Trincheira de Luta da Revolução - oferece cursos de técnica e produção audiovisual gratuitos, ou melhor, "em troca de café e açúcar". E é lá que se formam os profissionais dos novos canais públicos, como o presidente da *Ávila TV*, Wladimir Sosa, e o diretor de programação da *Vive*, Gabriel Gil.

A Rádio *Senderos de Anímano* completou 10 anos, e foi também uma das vozes confiáveis sobre os fatos de 2002. É uma das poucas que não foi fechada pelos golpistas. Hoje, com equipe de 15 pessoas, funciona numa escola pública no bairro de mesmo nome. Quando estivemos lá, a escola estava ocupada por desabrigados pelas chuvas. A rádio tem perfil variado, com muita música Joropó, ritmo popular e típico do país. Todo o equipamento foi doado pelo governo. O radialista nos informa que o veículo sobrevive de verbas públicas e publicidade de pequenos comércios. E que tem gente de várias orientações políticas trabalhando lá: "o importante é se comunicar".

FRENTES DE LUTA

A democratização da comunicação abriu espaços para criadores e comunicadores das várias áreas. O *Coletivo Célula*, formado por jovens de classe média, produz audiovisuais e reúne poetas, cineastas, escritores, redatores e *videomakers* em projetos autorais. Uma lei da revolução obriga os canais públicos e privados a exibirem a produção nacional independente. Os canais privados acharam a brecha: criaram produtoras "independentes", das quais são eles os donos. Já os canais públicos geraram opor-



A sede do canal *Vive TV*.

tunidades inéditas aos produtores de todo o país. No *Célula*, os projetos são orçados e apresentados aos canais de TV. A produção pode ser feita pelo coletivo ou em regime de co-produção. Até o momento, o principal parceiro é a *VTV*.

Na mesma linha atua o *Ejército Comunicacional de Liberación*. Formado por designers e artistas plásticos que, graças a um contrato com a prefeitura de Caracas, se dedicam exclusivamente ao projeto, acaba de lançar a revista (*Chumbo*), com inovador projeto gráfico mesclando fotos e ilustrações em conteúdos altamente políticos e politizados. Além da publicação, atua na formação cultural de comunidades carentes e conduzem um programa na *Rádio Nacional*. Estão editando o livro *Mural e Luzes* sobre os murais que vimos espalhados por toda a Caracas.

Mas de todas as iniciativas visitadas pela reportagem, nenhuma nos surpreendeu tanto quanto a Disciplina Livre de Comunicação Popular, na Academia Militar. A ideia surgiu quando o Ten. Cel. Menry Fernandez conheceu o jornal alternativo *De Pana*, realizado por um coletivo de jornalistas, dentre eles o brasileiro Leonardo Fernandes e o casal de colombianos Consuelo Alvarez e Carlos Acosta. Menry os convidou a criar, em conjunto com os cadetes, o jornal *O Jovem Patriota*. O sucesso do jornal os levou a um passo ousado: os três jornalistas foram convidados a ministrar a nova disciplina, dentro da Academia. Desde o golpe de 2002, o exército percebeu a necessidade de estreitar laços com a população civil, orientação que é fruto de quase dez anos de reestruturação da doutrina antes conservadora das Forças Armadas formadas na "Guerra Fria".

Somentenumpáisco moa Venezuela, empenhado num processo realmente revolucionário, é possível um casal de jovens colombianos e um jovem brasileiro lecionarem comunicação popular para militares do exército nacional.

Leo Drumond e Luciana Lanza são jornalistas.